

# Editorial

Temos o prazer de apresentar a edição n. 23 da *Revista Brasileira de História da Educação!*

Este número se abre com o artigo de Marcus Vinícius Fonseca, “Perfil dos domicílios e grupos familiares com crianças nas escolas de Minas Gerais do século XIX”. Procurando aproximar história da educação e estudos demográficos, o pesquisador lida com fontes provenientes de contagem censitária, notadamente, as listas nominativas de habitantes, produzidas em Minas Gerais nos anos de 1830. A partir de aspectos como posse de escravos, ocupação dos chefes de domicílio e composição dos grupos familiares, Fonseca classifica os domicílios cujas crianças frequentavam escolas de instrução elementar e destaca a ligação que determinados segmentos da população, tais como os negros livres e as mulheres chefes de família, tinham com a escola.

Roni Cleber Dias de Menezes apresenta o artigo “O problema do ensino da leitura no último quartel do século XIX: Portugal, Brasil e o debate sobre o par decadência/atraso”. Neste, investiga aspectos de um diálogo entre Portugal e Brasil, na segunda metade do século XIX, em torno do ensino da leitura, articulado a “um programa mais vasto de redimensionamento da tomada de consciência do tema decadência/atraso nas duas sociedades”. Para tanto, aborda a propagação do método de ensino da leitura João de Deus como um empreendimento que incorporava o desejo de estancar a propalada decadência portuguesa e

diminuir a distância que separava Portugal dos países “mais adiantados” da Europa. A pesquisa abrange, ainda, os itinerários dos divulgadores desse método no Brasil, considerando as dimensões dessa problemática lusitana dentre os esforços da jovem nação para integrar a “marcha civilizatória” do mundo ocidental.

Em “Las Convenciones Internacionales del magisterio americano de 1928 y 1930. Circulación de ideas sindicales y controversias político-pedagógicas”, o pesquisador argentino Adrián Ascolani aborda dois congressos de professores havidos na América Latina na primeira metade do século XX: a I Convención Internacional de Maestros (Buenos Aires, 1928) e a II Convención Americana de Maestros (Montevideo, 1930). Destaca, nos debates e manifestações de antagonismos ideológicos, a tensão entre a educação escolar e as expectativas de diversos atores sociais, fossem reformistas ou conservadores. Baseado na documentação desses congressos e nas reportagens em periódicos, Ascolani analisa com muita propriedade os consensos, dissensos e confrontos que povoaram os dois eventos e que persistiram, nas décadas seguintes, em destaque nas pautas dos debates pedagógicos e político-educacionais na América Latina.

Alexandre de Paiva Rio Camargo participa deste número com o instigante artigo “Povoar o hinterland: o ensino rural como fronteira entre estatística e educação na trajetória de Teixeira de Freitas”. Nele, investiga a trajetória ascensional dessa personagem no comando das estatísticas nacionais e no debate sobre a educação na Era Vargas (1930-1945), interpretando o seu investimento no campo educacional como uma estratégia de conversão dos capitais sociais já acumulados no Ministério da Educação (MEC) e no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Analisa, além disso, as principais ideias do estatístico a respeito do ensino rural, e sua recepção entre os contemporâneos, pretendendo contribuir para a compreensão das relações institucionais entre estatística e educação no período.

“Inspeção escolar e as estratégias de demarcação de espaço de poder e autonomia profissional (1912 – 1914)”, de Geisa Magela Veloso, trata da resistência à inspeção escolar de uma professora primária e um diretor de grupo escolar de Montes Claros/MG, nas primeiras décadas do século XX. Utilizando como fontes correspondências oficiais, relatórios

de inspeção e periódicos, a pesquisadora explora conceitos e métodos da história cultural, buscando, nos discursos que documentam esses embates, representações, tais como, a “boa professora” e o “bom ensino”.

Em “Associação Sul Rio-grandense de Professores e Associação Católica de Professores: apontamentos sobre a organização do professorado nas décadas de 1930 e 1940”, as autoras Adriana Duarte Leon e Giana Lange do Amaral apresentam os modos de atuação dessas entidades professorais da cidade de Pelotas/RS. As fontes utilizadas são livros de atas e periódicos das Associações, que, segundo as autoras, por sua representatividade e desempenho na valorização do professorado, cumpriram papel de relevo na consolidação da profissão docente em âmbito local.

Miriam Waidenfeld Chaves contribui com “A Vitória Colegial: registros de sucesso escolar nos anos 1950”, em que analisa a revista A Vitória Colegial, publicada pelo Colégio Santo Inácio. A autora identifica, nos assuntos tratados nesse periódico, o “clima cultural” de sua época de produção e circulação. Na materialidade da revista, revela indícios das estratégias editoriais e de escrita, que teriam atendido ao intuito de reforçar nos leitores a crença no sucesso e na excelência da vida escolar de seus alunos.

Em “A produção em história das disciplinas escolares pela escrita de pesquisadores brasileiros”, Mariana Cassab procura mapear a produção brasileira em história das disciplinas escolares e oferecer ao leitor uma visão ampla da produção no campo, identificando também as suas ênfases e lacunas. O estudo, focado em 23 artigos publicados em revistas da área de educação, propõe-se ainda a examinar seus referenciais teóricos e o modo como Chervel e Goodson, os autores mais frequentemente citados pelos pesquisadores brasileiros, têm sido apropriados.

Este número conta, ainda, com as resenhas Cinco estudos em história e historiografia da educação, por Suzete de Paula Bornatto, e Cadernos à vista: escola, memória e cultura, escrita por Marília Gabriela Petry e Glória Cristina Maciel Moreira.

A todos uma ótima leitura!

A Comissão Editorial